

# O Processo Educativo na Perspectiva Histórico-Cultural

Paulo Alfredo Schönardie<sup>1</sup>

## Resumo

---

Neste artigo tenho como objetivo central analisar o processo educativo na perspectiva histórico-cultural. É um texto de fundamentação para o tema, dialogando, assim, com autores de base, tais como Vygotsky e Tomasello. O ponto de partida está em admitir que o processo educativo aconteça em um contexto histórico-cultural. As pessoas são, desta forma, inseridas e educadas em uma realidade social e cultural desde a sua mais tenra idade. A constituição humana acontece de forma educativa em um contexto social, o que é conhecido por processo histórico-cultural. Nessa perspectiva, todas as instituições sociais são espaços educativos constantes, naturais e por excelência. Para compreender essa realidade educativa, analiso o processo histórico-cultural de formação social, a cultura de um grupo como espaço em que acontece a educação, além da compreensão do que é e como se dá a educação na perspectiva histórico-cultural.

**Palavras-chave:** Educação. Histórico-cultural. Contexto social. Cultura.

## EDUCATION PROCESS IN AN HISTORICAL AND CULTURAL VIEW

## Abstract

---

In this paper I mainly analyze the educational process according to the historical and cultural perspective. It is a support for the theme interacting with relevant authors such as Vygotsky and Tomasello. The starting point is admitting that the educational process happens in a historical and cultural context. People are inserted and educated in a social and cultural reality since their young age. So human constitution happens in a social context known as historical and cultural process, and it happens in an educative way. In this perspective, social institutions are educative spaces, natural and for excellence. In order to understand this educational reality, I analyze the historical and cultural process of social formation, the culture of a group as a space where education happens beyond the understanding of what it is and how education works according to a historical and cultural view.

**Keywords:** Education. Historic and cultural. Social context. Culture.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em História e Mestrado em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Doutorado (Dr. phil.) em Ciências Sociais pela Universität Hamburg – UHH, Alemanha. pschonardie@gmail.com

O processo educativo em que os seres humanos estão inseridos acontece desde a mais tenra idade. A educação como aprendizagem vai muito além da escola formal. O meio social é educativo. No contexto histórico-cultural, do qual a escola é apenas uma parte, acontece o processo educativo. Esse processo é histórico, tanto porque os indivíduos são nascidos dentro de um grupo que pauta suas ações em sua história, quanto pelo fato de as pessoas viverem sua própria história, em que novas vivências são pautadas pelo seu próprio passado, do qual são, em parte, fruto. Esse processo acontece dentro do contexto cultural de determinados grupos ou sociedades, ou seja, é baseado na cultura desse grupo ou sociedade. O processo educativo no contexto histórico-cultural é, então, constante.

Aprofundar o entendimento da questão central que se põe nesta reflexão sobre o processo educativo na perspectiva histórico-cultural, é o objetivo central. Compreender que educação e como ela acontece no processo social, para além de proporcionar melhores estratégias de ação aos educadores, facilita a compreensão de toda uma sociedade humana e de suas instituições sociais, tais como a escola, a família, o movimento cooperativo, a cidade, os movimentos sociais, a forma camponesa de viver. Na perspectiva histórico-cultural, todas essas instituições sociais são espaços educativos naturais e por excelência.

Com o texto aqui introduzido, tenho também por objetivo dialogar com os autores considerados fundantes para o processo educativo na perspectiva histórico-cultural; autores esses, que, em sua maioria, escreveram em um passado longínquo. Trata-se, assim, de uma pesquisa basicamente bibliográfica, mas que tem seu ponto de partida em um contexto de práxis educacional vivenciado nas minhas experiências no âmbito da educação. Pretendo, com a teoria aqui reconstruída, voltar à prática, ou seja, que por ela seja possível compreender e quicá agir com mais propriedade nos processos educativos, o que é a essência do trabalho de educadores e educadoras.

Para compreender o processo educativo histórico-cultural, abordarei, na sequência, primeiro a formação social no contexto histórico-cultural a partir de Vygotsky, e posteriormente a relação da cultura com a formação educacional, para, mais adiante, refletir uma conceituação da educação na ótica histórico-cultural.

## O processo histórico-cultural de formação social

O processo educacional de constituição dos sujeitos começa desde muito cedo. O psicólogo russo Lev S. Vygotsky assevera que:

O contato social relativamente complexo e rico da criança leva a um desenvolvimento sumamente precoce dos “meios de comunicação”. Reações bastante definidas à voz humana foram observadas já no início da terceira semana de vida, e a primeira reação especificamente social à voz, durante o segundo mês [...] Essas investigações mostraram igualmente que as risadas, o balbucio, os gestos e os movimentos são meios de contato social a partir dos primeiros meses de vida da criança (2000, p. 130).

Com base em Vygotsky, pode-se começar a construir a ideia de que os seres humanos constituem-se como “seres” que são a partir do contexto social em que vivem. Nesse viés, é extremamente importante a observação que faz no sentido de que os seres humanos, já nos primeiros dias após seu nascimento, reagem ao meio que os circunda. Pode-se deduzir, já nestas palavras introdutórias do pensamento de Vygotsky, que o ser humano age sobre o meio, mas que, ao mesmo tempo, o meio age sobre o humano, e desse processo emerge o mesmo.

Vygotsky usa a expressão “contato social”, o que traz presente a inserção humana, já a partir do nascimento, no contexto cultural humano. Parte deste contexto cultural é, desta forma, incorporado na construção da memória da criança, influenciando diretamente na estrutura de pensamento da mesma (Vygotsky, 1998, p. 67) e, quando adulta, isso se manifesta de acordo com os elementos específicos que estiveram presentes na sua infância; por exemplo, se o contexto na infância tiver presença de signos e de linguagem representativa da cooperação, é possível

que se produza um ser com tendência à cooperação com seu semelhante. Por isso, também há uma tendência de filhos seguirem a profissão dos pais, pois convivem desde cedo com os signos relativos à ocupação destes. Ou seja, o meio social influi sobre o humano e, conseqüentemente, sobre a própria continuidade do desenvolvimento do contexto social.

Esse processo de constituição humana no meio social se dá e é conhecido por processo histórico-cultural. Dessa forma, está presente na inserção social das novas gerações o acúmulo da história social dos protagonistas envolvidos, que, por sua vez, se traduz na cultura do grupo envolvido e, conseqüentemente, a representatividade dos elementos específicos, constituintes de tal cultura. Michael Cole e Sylvia Scribner (1998, p. 10) entendem que “o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura”, o que atribuem à melhor tradição de Marx e Engels. Os elementos específicos, por sua vez, remetem a tudo o que tem significação, expressiva ou não, mas que estão presentes na constituição, ou formação específica, sobretudo das crianças envolvidas, mas também com reflexos em todas as fases etárias humanas, ou seja, os seres humanos vivem um constante processo de ressignificação identitária cultural, a partir dos elementos que os circundam, elementos esses carregados de significados, representando atos de significação. Para Vera John-Steiner e Ellen Souberman (1998, p. 166), “Os sistemas funcionais de um adulto [...] são essencialmente formados por suas experiências enquanto criança”.

É importante, entretanto, ter presente que os indivíduos se influenciam mutuamente em sua constituição, porém estimulados pelos elementos circundantes de cada contexto identitário cultural específico. Essa afirmação remete à influência de uns sobre os outros sobre o processo de desenvolvimento dos sujeitos. As maiores interferências nesse processo são, geralmente, dos adultos sobre as crianças, e quanto mais tenra a idade maior é o peso dessa influência. Para Vygotsky, “na prática, a criança não é livre no processo do desenvolvimento dos significados que recebe da linguagem dos adultos” (2000, p. 192), mas também esse processo é igualmente aplicado a sujeitos de mesma idade, que se influenciam na construção e reconstrução quando em contato social.

O contexto histórico-cultural é permeado por elementos constituintes que oferecem uma espécie de mediação simbólica entre o contexto e os sujeitos. Esses elementos são conhecidos como signos, que são instrumentos de mediação. Os signos são construídos simbolicamente e, principalmente, criados na língua, entendida no sentido de sua fala, de sua linguagem. Os signos podem ser representados por elementos concretos, mas também pela linguagem, que se materializa basicamente na fala. A partir dos signos representativos em uma sociedade, as novas gerações são educadas no contexto cultural.

## **A cultura como base para a educação**

Para Vygotsky (1998, 2000) e Rego (2004), os seres humanos são constituídos pela cultura a que estão expostos. Assim, dependendo dos elementos, ou seja, dos tipos, da intensidade e dos significados representados pelos signos a que os sujeitos são expostos, estes são, hipoteticamente, constituídos na sua formação de acordo com o que o meio social carrega de elemento significativo. Essa hipótese é corroborada por Michael Tomasello em seu estudo sobre as origens culturais da aquisição do conhecimento humano. Tomasello é arrematador quando afirma que “as crianças aprendem aquilo a que estão expostas, e diferentes culturas expõe-nas a coisas diferentes” (2003, p. 226). Pode-se afirmar, portanto, que para os humanos atuarem em determinado contexto, como por exemplo, cooperando uns com os outros em um espaço de tempo histórico, isso acontecerá dentro da realidade cultural do grupo cultural específico, fazendo-se necessárias presenças significativas de elementos com algum tipo de “carga para a cooperação”, e signos que representem, cumulativamente, elementos com essa significação. Nesse processo, cabe destacar a linguagem a que os sujeitos protagonistas estão expostos desde a infância.

Os organismos herdam tanto o ambiente social quanto seus genomas<sup>2</sup> (Tomasello, 2003, p. 109). O ambiente social em que os indivíduos vivem é o que denomino de cultura. Esse ambiente social é o espaço do desenvolvimento humano. No ambiente social, de forma primeira

as pessoas de um dado grupo social vivem de certa maneira – preparam e comem alimentos de certa maneira, têm um certo conjunto de modos de vida, vão a certos lugares e fazem certas coisas. Pelo fato de os bebês e de as crianças humanas serem totalmente dependentes dos adultos, comem dessas maneiras, vivem desses modos e acompanham os adultos quando estes vão para esses lugares e fazem essas coisas (Tomasello, 2003, p. 110).

Assim, a cultura está diretamente relacionada ao que Bourdieu (1977) denomina de *habitus*. Nesse sentido,

o *habitus* particular em que uma criança nasce determina o tipo de interações sociais que terá, o tipo de objetos físicos que estarão à sua disposição, o tipo de experiências de aprendizagem e de oportunidades que encontrará, e o tipo de inferências que poderá fazer sobre o modo de vida dos que a rodeiam. Portanto, o *habitus* tem efeitos diretos sobre o desenvolvimento cognitivo quanto à “matéria-prima” com que a criança tem de trabalhar (Tomasello, 2003, p. 110).

As crianças estão biologicamente prontas a aprendizagens culturais por volta dos nove meses de idade, no sentido de começarem a compreender seus semelhantes como agentes intencionais, e essa nova compreensão provoca a aprendizagem por imitação, o que é uma prática com elementos integrantes da cultura em que estão inseridos, uma prática por meio da compreensão que outras pessoas têm dos artefatos materiais e simbólicos criados por indivíduos muito afastadas no tempo e no espaço (Tomasello, 2003, p. 129). Nessa fase

---

<sup>2</sup> Genomas são grupos de cromossomos transmitidos hereditariamente na concepção humana. Carregam as características biológicas dos sujeitos.

inicial, as crianças são introduzidas na cultura ao imitarem seus semelhantes, geralmente os adultos que as rodeiam. As crianças estão aptas a participar de forma ativa do mundo cultural. Assim,

a aprendizagem por imitação representa a entrada inicial das crianças no mundo que as rodeia no sentido de que agora podem começar a aprender dos adultos, ou, mais precisamente, por meio dos adultos, de modos cognitivamente significativos (Tomasello, 2003, p. 116).

Nesse sentido, torna-se necessário dar a devida importância à maneira como, geralmente, os adultos cuidam da instrução das futuras gerações. A instrução recebida pelos mais jovens está diretamente ligada ao *habitus* em que estão inseridas. Deste modo, “tornar-se membro de uma cultura significa aprender algumas coisas novas de outras pessoas” (Tomasello, 2003, p. 113). Isso é aprendizagem cultural. É importante salientar aqui que não somente as crianças, mas também os adultos, estão em constante processo de aprendizagem cultural.

Tomasello (2003, p. 117) chama atenção, ainda, para o papel de extrema importância nas interações das crianças com certos tipos de objetos, que se pode denominar de artefatos culturais. Ou seja, as crianças imitam, além da linguagem e sua carga de significação, os objetos com os quais têm contato, objetos que podem ser denominados, também, de signos com as suas significações. O ser humano tem nesse processo um papel ativo de agente cultural;

a cultura cria formas especiais de conduta, muda o tipo da atividade das funções psíquicas. Ela constrói novos estratos no sistema do desenvolvimento da conduta do homem. [...] No processo do desenvolvimento histórico, o homem social muda os modos e procedimentos de sua conduta, transforma os códigos e funções inatas, elabora e cria novas formas de comportamento, especificamente culturais (Vygotsky, 1987, p. 38).

Para Marx (2008, p. 192), o homem não apenas se adapta à natureza, mas a transforma, e, ao transformá-la, transforma a si mesmo: ele sente, pensa, age, imagina, deseja, planeja, etc. O ser humano tem, dessa maneira, a capacidade de criar o mundo da cultura por meio dos instrumentos de trabalho e dos instrumentos psicológicos, como destaca Molon (2003, p. 96).

A cultura é uma produção coletiva da atividade humana, tendo significado central, comportando tanto a vida cotidiana quanto a carga histórica das experiências de cada ser. A cultura é vista como questão social, pois é constituída de signos nas suas diversas formas de semiotização,<sup>3</sup> e a linguagem, com sua carga histórica, está no centro (Molon, 2003, p. 101).

A transmissão cultural de geração a geração é uma maneira de passar adiante as habilidades já dominadas pelos coespecíficos, mas isto somente é possível na interação e assistência de um ser a outro. A tradição cultural e os artefatos culturais dos seres humanos estão carregados do que Tomasello chama de “evolução cultural cumulativa” (2003, p. 5). A evolução cultural cumulativa tem forte carga da sociogênese humana, em que indivíduos criam algo juntos, o que é uma poderosa forma de criatividade e de inventabilidade sociocolaborativa baseadas “na adaptação cognitiva exclusivamente humana para compreender os outros como seres intencionais iguais a si mesmo” (Tomasello, 2003, p. 54). Para o mesmo autor,

algumas tradições culturais acumulam as modificações feitas por diferentes indivíduos no transcurso do tempo de modo tal que elas se tornam mais complexas, abrangendo um espectro mais amplo de funções adaptativas – o que pode ser chamado de evolução cultural cumulativa ou de “efeito catraca”<sup>4</sup> (p. 51).

---

<sup>3</sup> O termo semiotização deriva de semiótica, que é expressa como teoria geral dos modos de produção, funcionamento e recepção dos diferentes sistemas de signos.

<sup>4</sup> A catraca é um dispositivo circular dentado que gira em seu próprio eixo que, ao rodar, é acompanhada por uma trava mecânica que a impede de se mover em direção contrária. Nesse sentido, justifica a analogia com a evolução cultural de forma cumulativa.

Os humanos, para compartilharem das conquistas culturais cumulativas no processo cultural já existente, precisam viver em um mundo que tenha atividades sociais estruturadas (Tomasello, 2003, p. 152). Isso é possível no momento em que as pessoas começam a compreender nos semelhantes, atos intencionais; é quando passam a compreender os artefatos, as práticas sociais, materiais e simbólicas da cultura em que estão inseridos, tanto criados no tempo presente quanto em tempos passados de forma cumulativa (Tomasello, 2003, p. 127). É importante destacar que as conquistas culturais cumulativas e suas representações simbólicas estão aí para facilitar as interações cognitivas e sociais. Para Bruner (2002, p. 22), os sistemas simbólicos que os indivíduos usam estão “profundamente arraigados na cultura e na linguagem”. Segundo Bruner, ainda, a cultura é o “divisor de águas”, e nela os indivíduos e as mentes humanas constituem-se. Sem a cultura seríamos “animais incompletos ou inacabados” (Geertz, 1973, p. 49). Na cultura os significados das representações são negociados. A “cultura e a busca por significado dentro da cultura são as causas adequadas da ação humana” (Bruner, 2002, p. 28).

Na constituição dos sujeitos, torna-se necessária a observação da construção mediada dos significados dos signos na cultura. Estes significados, segundo Bruner (2002, p. 66), são construídos de um sinal, de um referente e de um interpretante, na lógica do estudo dos signos operada por Peirce (1960, p. 228). Para Molon, “Na relação entre o referente, ou seja, a coisa referida ou o objeto significado e o significado aparece o significante que é o signo” (2003, p. 107). Esse processo de constituição dos sujeitos na cultura e pela cultura

nos provê igualmente de diretrizes e estratégias para encontrar um nicho entre estabilidade e mudança: ela exorta, proíbe, atrai, nega, gratifica os compromissos que o si-mesmo assume. E o si-mesmo, usando suas capacidades para a reflexão e para projetar alternativas, evita, adota, ou reavalia e reformula o que a cultura tem a oferecer (Bruner, 2002, p. 96).

As vidas humanas, denominadas de si-mesmos, são, assim, resultados do processo de significação, estando ligados ao coletivo social e à história do grupo cultural (Bruner, 2002, p. 115). Nesse sentido, na linha vyotskyana,

Molon (2003, p. 83) destaca que “o eu se constrói na relação com o outro, em um sistema de reflexos reversíveis, em que a palavra desempenha a função de contato social, ao mesmo tempo em que é constituinte do comportamento social e da consciência”. A consciência é entendida como a capacidade que o homem tem de refletir a própria atividade, havendo um vínculo entre a noção de consciência e de sujeito (Molon, 2003, p. 88).

A consciência dos sujeitos, por sua vez, é constituída pelas significações culturais, as quais existem a partir do momento em que os mesmos se reconhecem no processo de significação; essa é uma relação mediada entre sujeitos que entram em contato por um terceiro elemento, que é o semiótico. A importância dos signos está exatamente na sua função como elemento de mediação no processo cultural de constituição das consciências e dos próprios sujeitos. O processo de constituição e ressignificação do humano dentro de um contexto cultural é, portanto, um processo educativo.

## A educação na perspectiva histórico-cultural

Todo processo educativo acontece em um contexto histórico-cultural. Sempre que há pessoas interagindo há um processo educativo acontecendo na práxis, que, por sua vez, é carregada dos elementos significantes de um ambiente cultural. A primeira pergunta que emerge frequentemente, entretanto, está relacionada à definição do termo educação. Nesse sentido, torna-se necessário compreender o que os seres humanos entendem pelo termo cunhado de “educação”. Desta maneira, faço uma rápida explanação de como alguns dos teóricos da educação entendem a mesma para, em seguida, tecer sua ligação ao contexto histórico e cultural, entendendo-a como um processo que se dá na cultura e na práxis.

Na etimologia, a sua origem é apontada pela raiz latina, por intermédio de dois termos: *educare*, que significa alimentar, cuidar e criar, referindo-se tanto às crianças quanto aos animais em geral e às plantas; e *educere*, que significa modificar de estado, tirar para fora, conduzir para (Libâneo, 2004, p.

72). Esses dois termos são sintetizados na palavra *educatio*, que é traduzida por “educação”. Neste sentido, o termo educação, uma espécie de síntese de *educare* e *educere*, remete ao entendimento de significar “criação, tratamento, cuidados que se aplicam aos educandos visando adaptar seu comportamento a expectativas e exigências de um determinado meio social” (Libâneo, 2004, p. 72).

Sob uma ótica bastante ampla do significado do termo, Libâneo assevera “que há quase uma unanimidade entre os autores de considerar a educação como um processo de desenvolvimento” (2004, p. 74). Nessa lógica podem inserir-se os diferentes autores, os quais, independentemente da corrente e do tipo de prática educativa que defendem, concordam que o educar é um processo em que, no caso específico dos seres humanos, esses são direcionados a se desenvolverem no e de acordo com o aglomerado humano específico em que estão inseridos. Em outras palavras isso significa que a educação ocorre dentro de um ambiente cultural.

A educação possui um “caráter eminentemente formativo [...] como processo de interação humana e social” (Bouffleuer, 1991, p. 11). Para o mesmo autor (p. 20), a raiz da educação está na tomada de consciência que essa provoca, o que é possível admitindo-se o inacabamento do ser humano, que faz dele um ser em constante (re)construção. Paulo Freire (1979, p. 27-28) lembra que “a educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o a sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem”. Em outra obra, o mesmo autor volta a chamar a atenção ao inacabamento do ser humano e da importância do processo formativo educativo no desenvolvimento do *ser*, apontando este como um ser cultural que precisa de cuidados especiais de seus semelhantes (Freire, 1996, p. 55-56); e esses cuidados no convívio social nada mais são do que processos educativos destinados a desenvolver os envolvidos, desde as mais tenras idades, dentro da cultura em que se encontram.

Para Moacir Gadotti,

a educação participa inevitavelmente do debate no qual a nossa sociedade em crise se encontra envolvida e da angústia que ela suscita. A educação é um lugar onde toda a nossa sociedade se interroga a respeito dela mesma, ela se debate e se busca: educar é reproduzir ou transformar, repetir servilmente aquilo que foi, optar pela segurança do conformismo, pela fidelidade à tradição ou, ao contrário, fazer frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura; querer que o passado configure todo o futuro ou partir dele para construir outra coisa (2004, p. 43).

Na mesma perspectiva de Gadotti e Freire, Schmied-Kowarzik (1983) também afirma que a educação é “integrante da produção e reprodução da vida social, que é determinada por meio da tarefa natural, e ao mesmo tempo cunhada socialmente, da regeneração de sujeitos humanos, sem os quais não existiria nenhuma práxis social”. A própria sociedade depende da formação e da evolução dos indivíduos e esses não podem se desenvolver fora das relações sociais (Schmied-Kowarzik, 1983).

A educação é, desta maneira, responsável pela afirmação das identidades pessoais no mundo das tradições culturais, no espaço de convívio social (Marques, 1993, p. 13). As identidades pessoais serão dadas de acordo com os elementos presentes no meio do convívio social entre as pessoas dentro das tradições culturais de seu grupo. A educação, contudo, “sempre se apresenta como uma ação entre sujeitos, isto é, como uma ação social” (Boufleuer, 2001, p. 24).

Após um rápido olhar sobre recortes das defesas de alguns autores em relação ao que escrevem sobre educação e, sobretudo tendo presente a importância de contextos culturais específicos na formação dos sujeitos, afirmo aqui que todo e qualquer processo educativo acontece no contexto histórico-cultural, em que as atividades educativas ocorrem e somente ocorrem em condições sociais e históricas. “A educação é um fenômeno social inerente à constituição do homem e da sociedade, integrante, portanto, da vida social, econômica, política, cultural” (Libâneo, 2004, p. 97). Esse é um processo que se dá na prática

social, no dia a dia, em todos os tipos de situações e instituições, sejam elas na família, na escola, no sindicato, na cooperativa, etc. A ideia-chave da concepção histórico-cultural tem o processo educativo como

um fenômeno social, enraizado nas contradições, nas lutas sociais, de modo que é nos embates da práxis social que vai se configurando o ideal de formação humana. Isso significa que a tarefa da reflexão pedagógica é a de superar a antinomia entre fins individuais e fins sociais da educação (Libâneo, 2004, p. 78).

Nesse processo “o homem vai se lançando no domínio que lhe é exclusivo, o da história da cultura” (Freire, 1979, p. 63). Na concepção histórico-cultural, todos os processos formativos que ocorrem no meio social são entendidos no campo da educação, sejam eles em modalidades formais ou não formais de educação, ou seja, o dia a dia é permeado pela educação, e o cotidiano é um processo educativo. Assim, a educação também é perpassada pelo “efeito ca-traca” (Tomasello, 2003), isto é, a prática educativa

concentra a experiência generalizada da humanidade no que se refere a saberes, experiências, modos de ação, acumuladas no decurso da atividade sócio-histórica de muitas gerações, para propiciar às novas gerações a apropriação ativa desses saberes e modos de ação como patamar para mais produção de saberes. Nesse movimento de objetivação-apropriação da cultura está a gênese dos processos educativos [...] [ocorre] na família, na escola, nas instituições e grupos sociais, nos movimentos sociais (Libâneo, 2004, p. 83).

O contexto em que se dá a educação é, portanto, o cultural, anteriormente definido a partir de Vigotski, Tomasello e seus seguidores. A educação de que trata este artigo é a do indivíduo humano. Nesse sentido, “um indivíduo humano é uma pessoa social quando integra e possui dentro dele uma experiência tornada individual do ser cultural de seu próprio mundo de vida cotidiana” (Brandão, 2003, p. 21). Dessa maneira, as exigências sociais da cultura em que determinados indivíduos estão inseridos, constituem os mesmos, e formam a mente destes pelos elementos presentes e necessários à (re)produção da vida

e da ordem da sociedade específica. A prática social de formação, o que é um processo educativo inserido na cultura, constitui os indivíduos desde criança a terem tendências específicas em grupos culturais e geográficos próprios.

Para Brandão (2003, p. 25), ao “que nos acostumamos a dar o nome de educação, acontece também dentro de um âmbito mais abrangente de processos sociais de interações chamado cultura”. O mesmo autor ainda contribui afirmando que “educamos para tornar interior a pessoas uma cultura que as antecede, uma cultura que as conforma e que, em contrapartida existe nas e através das interações entre as pessoas” (p. 141). Dessa maneira, “para a antropologia todo o acontecimento da educação existe como um momento motivado da cultura. Mas toda a cultura humana é um fruto direto do trabalho da educação” (p. 141) e, a “educação é uma ação e um processo de formação pelo qual os indivíduos podem integrar-se criativamente na cultura em que vivem” (Libâneo, 2004, p. 162). Brandão (2003, p. 170), contudo, é enfático ao afirmar que o lugar de realização da mente humana é a cultura.

Assim, a cultura é construída nos processos de interação social e de construção de significados com os elementos presentes ao grupo, ou seja, a

cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente (Gohn, 2005, p. 98).

O processo educativo histórico-cultural se dá na práxis, ou seja, desde as interações diárias elementares, e, assim, em todos os processos de vivências protagonizados por todas as culturas em todos os lugares, mas dentro de seu âmbito específico. “Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural” (Freire, 1979, p. 46). Esse é o “mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de

instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos” (p. 46). Esses símbolos com significados tornam-se signos que representam as concepções e realizações de grupos sociais.

Para Libâneo (2004, p. 139), o fenômeno educativo pode ser entendido pelos processos práticos, ou seja, pela práxis “ativa dos indivíduos com o meio natural e social, entendido esse meio como ‘culturalmente organizado’”, o que é caracterizado por uma relação ativa dos indivíduos com o meio tanto natural quanto social. Dessa maneira, cumpre destacar que, para compreender o desenvolvimento pela educação, é importante compreender “que o homem entra em cena na história como um ser ativo, isto é, portador de uma atividade consciente e objetiva sobre o meio, transformando natureza e o meio social e, com isso, transformando-se a si próprio” (Libâneo, 2004, p. 140). Na prática diária do cotidiano humano, então, estão incluídas tanto as contradições e os conflitos quanto as concordâncias, ou seja, a prática é carregada de um processo dialético no sentido marxista. A educação, vista na prática diária, tem, portanto, carga de educação transformadora em que o homem é sujeito da história e, na medida em que se transforma, transforma o mundo (Gadotti, 2004, p. 30). O ser humano é um ser incompleto ao nascimento e esse se educa no cotidiano, durante a vida toda, durante a práxis de sua vida. Enfim, o processo educativo acontece na perspectiva histórico-cultural.

## Algumas considerações

O ponto de partida e ao mesmo tempo o objetivo central desta reflexão, teve em seu cerne a análise do processo educativo na perspectiva histórico-cultural. Considero o aprofundamento teórico suprarrealizado importante para qualificar a compreensão e a ação de educadores e educadoras, bem como o aperfeiçoamento dos processos educativos. Os preceitos epistemológicos aqui discutidos são inerentes à tessitura social. A afirmativa inicial de que o processo educativo acontece em um contexto histórico e cultural, para além de ser reafirmada, foi aprofundada, aproximando teóricos como Vygotsky e Tomasello com autores mais diretamente ligados à educação, como Libâneo, Brandão,

Gadotti, Gohn e Freire. A constatação de que a educação se dá na cultura dos grupos sociais torna-se fundante para a compreensão de processos educativos na perspectiva histórico-cultural.

O processo histórico-cultural de formação social traz consigo a inserção em um ambiente de aprendizado dos humanos desde a sua mais tenra idade. A constituição humana acontece, assim, de forma educativa em contextos sociais, muito além de espaços apenas formais de educação. O meio social é, portanto, educativo. Esse processo é histórico, pois os indivíduos são nascidos dentro de um grupo que pauta suas ações em experiências históricas. Daqui emerge a importância da cultura de um grupo para a constituição de seus indivíduos e, conseqüentemente, dos processos educativos.

A cultura se torna, assim, base para a educação. A socialização e o aprendizado acontecem desta forma, dentro do contexto social de determinados grupos ou sociedades, baseando-se na história e nas práticas sociais dos mesmos. Os seres humanos são constituídos pela cultura a que estão expostos. Os elementos significantes e a intensidade de determinados signos passam a ter centralidade para a formação humana. Sempre é importante ter presente, porém, que a cultura é uma produção coletiva da atividade humana, influenciando sobre as pessoas, mas, ao mesmo tempo, sendo reconstituída pelos próprios seres humanos.

A educação, de forma ampla, é, então, por um lado, resultado, e por outro, constituinte da cultura. A educação é um fenômeno social, constituinte do ser humano e da sociedade, mas também resultante da mesma, refletindo sua organização social, econômica, política e cultural. Nesse contexto, as pessoas, se reconhecendo como seres incompletos, inserem-se aprendendo no cotidiano de sua cultura e, ao mesmo tempo, transformando seu mundo. Desta realidade é possível inferir que o processo educativo é constante. Todos os espaços de vida são educativos. O processo educativo acontece na perspectiva histórico-cultural.

## Referências

BOUFLEUER, José P. *Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

- \_\_\_\_\_. *Pedagogia latino-americana*: Freire e Dussel. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BRANDÃO, Carlos R. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Introdução. In: VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- GOHN, Maria da G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- JOHN-STEINER, Vera; SOUBERMAN, Ellen. Posfácio. In: VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIBÂNEO, José C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARQUES, Mario O. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1993.
- MARX, Karl. *Das Kapital*. Erster Band. Marx Engels Werke, Bd. 23, 23. Auflage, Berlin: Dietz Verlag, 2008.
- MOLON, Susana I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles Sander Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1960. Vol. 2.
- REGO, Teresa C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfriedrich. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores*. Havana: Científico-Técnica, 1987.

Recebido em: 9/7/2013

Aceito em: 30/3/2015